

Professores defendem união contra reformas

KELVIN MELO

Enviado especial a Cuiabá

A hora é de unidade. Este foi o mantra repetido em todos os momentos do 36º Congresso do Andes, realizado em Cuiabá (MT). Uma das mais importantes resoluções do encontro foi a indicação de 15 de março como um Dia Nacional de greves, paralisações e mobilizações contra as medidas do governo Temer que retiram direitos da categoria, em especial a reforma da previdência. Aproximadamente 500 professores participaram do encontro, 16 somente da delegação da Adufrj.

A expectativa dos congressistas é articular uma greve geral com as diversas centrais sindicais e movimentos sociais. “Vamos esperar que haja a unidade que não encontramos frente à PEC do teto de



Fotos: Kelvin Melo

Delegação da UFRJ em Cuiabá: Carlos Frederico Rocha; Angélica Nakamura; Regina Pugliese; Luciana Boiteux; Cristina Miranda; Mariana Trotta; Walcyr de Oliveira; Glaucia Elis; Claudia Piccinini; José Henrique Sanglard; Renata Flores; Sara Granemann; Luciano Coutinho; Tatiana Rappoport. Gilberto Zanetti e Elidio Borges (não estão na foto, mas foram ao evento).

gastos. Com serenidade para procurar aliados da forma mais ampla possível. Se não trouxermos os setores não estamos para o enfrentamento, teremos poucas possibilidades de barrar a reforma da previdência ou negociá-la”, afirmou

Carlos Frederico Leão Rocha, 1º vice-presidente da Adufrj.

Nos debates de Cuiabá, duas posições apareceram mais consolidadas: um grupo entende que o protesto só deve ir adiante, se todos os setores produtivos aderiram à greve; outro avalia que uma greve da área da educação pode “puxar” os demais setores. As assembleias de base vão definir se os professores vão participar das atividades do dia 15 e de qual forma.

A indicação do congresso do Andes tomou como base a paralisação, nesta mesma data, apontada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Um encontro da coordenação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, realizado em Fortaleza (CE), nos últimos dias, também definiu adesão a uma jornada de lutas entre 8 e 15 de março.



“Nosso horizonte deve ser a construção da greve geral. E isso não deve ser tarefa só do Andes — Sindicato Nacional.

EBLIN FARAGE

Presidente do Andes



“A PEC 55 foi o maior ataque à Constituição de 88 desde que ela foi promulgada. Foi uma desconstituente. Inviabiliza os serviços públicos.

GUILHERME BOULOS

Líder do MTST



“Austeridade é dirigida só aos trabalhadores. Não existe isso contra os capitais. Por isso, este ataque (à previdência) não é localizado só no Brasil.

SARA GRANEMANN

Professora da Escola de Serviço Social

Cresce movimento por mudanças no Andes

> Grupo critica diretoria e avalia relação com central sindical Conlutas

Insatisfeitos com os rumos do Andes, professores de 18 universidades criaram o Renova Andes, grupo de oposição à atual diretoria que participou do congresso de Cuiabá com camisetas, faixa e reuniões. O grupo existe desde o ano passado e experimenta um visível crescimento na categoria.

As principais críticas do Renova Andes à atual diretoria são supostas práticas antidemocráticas nos eventos da categoria, a filiação à Conlutas e ao silêncio do Sindicato Nacional diante do impeachment da presidente Dilma. O Andes rompeu com a CUT, em 2005, e filiou-se à Conlutas no ano seguinte. A central sindical, com forte influência do PSTU (principalmente) e do PSOL, criticava o tom governista da CUT durante os governos do PT.

“É preciso fazer um balanço rigoroso da atuação da Conlutas”, explica a professora Celi Taffarel, da Universidade Federal da Bahia, uma das proponentes da tese do Renova Andes no Congresso de Cuiabá. Segundo ela, na base do Sindicato, há uma “inquietação” com as atitudes do Andes: “Com o golpe, a situação se agravou e cresceu a inquietação”.

ANDES RESPONDE

A diretoria nacional do Andes contesta estes argumentos. Para a presidente da entidade, Eblin Farage, no Andes devem caber todas as forças políticas que tenham alguma representatividade na categoria: “O nosso desafio é fazer com que este sindicato não seja gerido pelos grupos, mas sim pelas

deliberações de base”.

A professora discorda da crítica de falta de democracia nas instâncias do Andes: “Este sindicato é tão democrático que permite a um sindicalizado escrever um texto da sua casa, sem passar pela assembleia de base, e vir para o congresso defender a ideia”. Ela completou: “O problema, geralmente, é que as pessoas acham antidemocrático quando perdem em suas posições”.

Questionada se a direção do Sindicato não teria se distanciado da base da categoria na época do impeachment, Eblin também não concordou. Voltou a citar que as decisões do Andes são tomadas pela base: “A direção do Sindicato só tem um voto no Congresso do Andes”, afirmou.

#machistasnão passarão



Kelvin Melo

Ato político repudiou o machismo antes de uma das plenárias do congresso, no dia 28

Um dos momentos mais intensos do Congresso em Cuiabá foi a denúncia de que professores estavam assediando estudantes que trabalharam na organização do evento. A revelação foi tão impactante que gerou protestos, faixa, cartazes, reportagens e a criação de uma comissão permanente para coibir casos de assédio e outros tipos de violência durante

os próximos encontros do Andes.

A denúncia foi feita publicamente no dia 26 por uma docente da comissão organizadora do Congresso e divulgada imediatamente pela equipe de jornalismo da Adufrj. As estudantes relataram casos de professores com gestos inconvenientes, segurando as alunas pela cintura, insistindo para conseguir os contatos das jovens e oferecendo o

pagamento do ingresso para uma festa dos docentes em cantadas. Professoras contaram também ter sofrido assédio de alguns colegas, na festa.

A presidente do Andes, Eblin Farage, declarou que serão tomadas “todas as medidas necessárias” para evitar novos constrangimentos: “Esta não é uma questão só das mulheres. Deve ser de todo o sindicato”, observou.